

Bion: uma obra às voltas com a guerra

Daniel Delouya

Comemorando o centenário de W. R. Bion, o presente trabalho retoma o seu trajeto, nele encontrando marcas de experiências que parecem ter contribuído para uma das mais instigantes obras da psicanálise.

A intenção de escrever uma introdução *para ler* a obra de Wilfred Ruprecht Bion, em comemoração ao centenário de seu nascimento (8 de setembro, 1897), foi envolta por uma penumbra de persecutoriedade e carregada da tensão de quem vislumbra um fracasso provável. “Como fazer o melhor de um mau negócio”, foi uma associação com um título de um trabalho tardio de Bion (“Making the best of a bad job”, 1979, in *Clinical Seminars and Four Papers*, Fleetwood, 1987) que sinalizou, por outro lado, um desafio pessoal e que diz respeito também à revista *Percurso* e seus leitores.

Não sou bioniano, o que não significa que me falte a *experiência* com este tipo de transmissão. Ter feito uma análise com alguém “gerado” dentro da linhagem *Bion - Philips* é duplamente relevante: a natureza da análise e nosso ofício nos ensinaram de que não basta ler um autor para conhecê-lo a fundo. A evidência des-

te fato é imediata e particularmente forte quando se trata de conhecer Bion e compreender seu pensamento através de seus escritos. Outro aspecto diz respeito à aprendizagem do ofício de psicanalista: uma matriz clínico-teórica, mais ou menos definida, serve, de regra, como meio de transmissão do trabalho analítico na análise, na supervisão e na discussão teórica acerca de um texto. O Brasil, e mais especificamente São Paulo, é talvez o único lugar no mundo psicanalítico onde se consolidou uma matriz bioniana, uma *certa* linhagem a partir de Bion, enquanto atividade que transcende a mera influência de indivíduos interessados. Trata-se de uma apropriação - análises, supervisões e ensino teórico -

Daniel Delouya é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, e pesquisador, pós-doutor pela FAPESP, no Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Núcleo de Psicanálise do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP e no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP.

que se estende por mais de vinte e cinco anos dentro de um grupo que se conservou também graças ao seu poder político de garantir uma organização institucional voltada para este fim. À parte as desvantagens institucionais que este fenômeno comporta, é preciso enfatizar que a solidez e a persistência da interpeção bioniana em nosso meio devem-se, em grande parte, ao fato de ter sido a única matriz a ser implantada através do próprio mestre, em primeira mão.

Entretanto, é possível ser tocado e transformado pelas contribuições de autores como Ferenczi, Klein, Lacan, Winnicott e Bion sem que para isto seja preciso se transpor para dentro de uma das matrizes criadas a partir deles. É possível integrá-las dentro das malhas subjetivas de um Freud incorporado (no analista), na medida que esclarecem, ampliam, aprofundam, incitam, perturbam, provocam e remanejamos o tecido freudiano. Neste sentido, agrada-me o lugar que essas contribuições, especialmente a de Winnicott e a de Bion, tomam na obra de André Green, assim como as de Lacan e de Winnicott nas obras de Pontalis e Fédida. Empreender viagens a outros continentes para redescobrir o próprio nem sempre é menos árduo do que emigrar para um deles...

I. A vida em obra

Como na vida de Freud, uma “velha” babá deixa uma marca indelével em Bion. As lembranças desta *Ayah* (ama-de-leite), sobre a qual escreve aos oitenta anos de idade, são também associadas com a introdução do menino num universo religioso marcado pelo temor. Mas, à diferença de Sigmund, Wilfred deixa, sem os pais, sua terra natal - Muttra, Índia, à qual nunca voltará - aos oito anos de idade, para estudar num colégio interno público na Inglaterra. Tal privação

do ambiente familiar e a necessidade de compensá-lo, tentando preservar uma integridade nas situações-limite às quais será submetido - uma severa educação calcada num puritanismo hipócrita, o ingresso no exército que coincide com a Primeira Guerra Mundial (aos dezenove

A solidão, o vazio,
a tentativa de
preservar a própria
integridade em
situações-limite,
teriam conseqüências
diretas sobre o
interesse privilegiado
pelo pensamento e
pelas vivências
psicóticas.

anos de idade), a morte da primeira esposa - terão conseqüências diretas sobre a área privilegiada de seu interesse: *o pensamento*.

O primeiro tomo da autobiografia, *The Long Weekend, 1897-1919* (Karnak, 1982) abrange os três períodos: a infância (Índia), o colégio (Inglaterra) e o exército (Guerra). A vida de Bion foi marcada então por um *longo fim de semana* - a malograda espera pela mãe (*Ayah*, a família) - quando passava os feriados na companhia das famílias de seus colegas. A solidão no internato numa tenra idade e o perigo bélico na guerra põem em xeque as estruturas mais frágeis do ser: um vazio autista da adolescência será

“preenchido”, desesperadamente, por uma prática masturbatória compulsiva; momentos traumáticos no campo de batalha, onde vivências de desrealização e despersonalização colocam à mostra as rachaduras do eu. Não é difícil encontrar nessas experiências os elos que Bion estabelecerá mais tarde entre a tolerância a estados extremos de frustração e a capacidade de pensar, além de sua aguda capacidade de compreender a vivência psicótica. Como esta ausência (do objeto) se abre sobre um vazio, sobre a vivência do *néant* (Victor Hugo), do *no-thing*, do verdadeiro *nada*? Como acaba se transformando no horror “diante do silêncio eterno desses espaços infinitos” (frase de Pascal que Bion não cessa de evocar)? Questões que são, é verdade, inerentes à obra de Bion, porém suas verdadeiras vigas encontram-se na vida de quem as devolveu para o centro do trabalho e do pensamento psicanalíticos.

Todos os Meus Pecados Lembrados é o título do segundo e inacabado tomo da autobiografia (*All My Sins Remembered*, Karnac, 1985). Os pecados referem-se ao seu desejo por um filho, que custou a vida da primeira esposa e o “abandono” da filha, confiando sua criação a mãos alheias. O leitor não deixa de suspeitar que esses tormentos são associados também às mágoas pelo próprio abandono pelos pais em terra estrangeira; à dúvida se seu nascimento fora desejado, e ao sentido da morte, numa criança, em relação a um objeto infinitamente anelado.

Os dois tomos fecham um ciclo (provisório para nós) que se inicia com a ausência, faz um contorno - abre-se sobre um vazio - e fecha/ abre novamente, só que desta vez sobre uma verdadeira simbolização da ausência: o pensamento. Em outras palavras, eu diria, à guisa de uma primeira síntese, que Bion foi bem sucedido onde o melancólico normalmente fracassa.

Nas experiências com grupos,
Bion encontra seus pontos de convergência com
Freud, e, nos mecanismos primitivos descritos por
Klein, as bases metapsicológicas
do aparelho proto-mental.

As cicatrizes de tal melancolia transparecem no estilo da escrita, transmitindo certa aridez onde a agressividade contida - especialmente no que tange à educação e ao colégio - oculta-se por trás de uma densidade descritiva. Bion jamais se permite cair para dentro de suas lembranças (muito diferente de Freud), mas as oferece para nós sob o bisturi de uma ironia afiada, nos melhores moldes shakespearianos, ou sob a seriedade de quem soube aprender com elas - um reconhecimento de adulto.

II. A obra em vida

A) 1942-1961: Os fundamentos

Um melancólico dá trabalho! E, se fosse analisado por um kleino-bioniano é provável que teria sido considerado um “paciente de difícil acesso”. Bion foi analisado pela própria Melanie Klein, o que não foi nada fácil para ele, e parece que também não para ela (Cf. *All my Sins...* p. 66-70). Quando interrompeu sua análise, que durou oito anos, ele já contava com cinquenta e seis anos. Que Bion ficasse magoado pela analista não demonstrar o devido respeito à rara e prestigiosa condecoração por bravura que obteve na Primeira Guerra Mundial, diz respeito a um mal-entendido de alcance maior: Melânie

Klein percebeu, desde o início, o talento e a sensibilidade de seu paciente, tentando, portanto, recrutá-lo para seu grupo. Bion ocupava-se, naquele tempo, com grupos, inicialmente como psiquiatra militar e depois como terapeuta da Clínica Tavistock. Klein o criticava por isto, tanto que, nos relatos dessas experiências, ele as distingue da atividade propriamente psicanalítica. Bion não se curvou facilmente a esta pressão. John Rickman, seu analista anterior (1937-39), fora diferente; ele foi paciente de Freud, Ferenczi e Klein, e nunca se filiou a um grupo. A *vida* (para a qual os bionianos não cessam de nos dirigir), isto é, o internato e o exército, sobretudo o oficial que foi, não permitiu a Bion abdicar de sua autonomia para pensar.

Bion encontrou nas experiências com grupos o mesmo desafio que se coloca para quem se encontra em situações de extrema tensão: a possibilidade de pensar. A mentalidade do grupo se constitui, segundo ele, pela contribuição individual de cada membro para a instauração de um certo padrão psíquico de conduta coletiva (os pressupostos básicos). Trata-se de uma dimensão narcísica do sujeito que o agrupamento coloca à mostra (para o observador), o que não impede que o sujeito permaneça, quando sozinho, submetido a uma dessas configurações mentais. Estes estados operam sempre contra

uma tendência oposta que condiz com o princípio da realidade e com o pensamento - o *trabalho* do grupo. É este conflito que constitui a *cultura* do grupo. Os pressupostos básicos ancoram-se, segundo Bion, num substrato psicossomático, constituindo o aparelho proto-mental, a parte primitiva que a rigor ainda não está diferenciada mentalmente. Sua economia *somato-psicótica* está na base de doenças psicossomáticas, como as neuroses atuais em Freud. O jogo de palavras que usa para este sítio enquanto fonte de doenças somáticas e *grupais* aponta para a raiz pulsional-instintual: a doença (*disease*) é também *dis-ease*, isto é desconforto, pulsão! O desprendimento, no sujeito, desta viscosidade coercitiva do grupo, ou como diz Bion, a possibilidade de emergir de tal imersão, é o pré-requisito e a prova da capacidade de pensar. Ele publica em 1952, no final da análise com Klein, o artigo “Dinâmicas do grupo: uma re-visão”, onde encontra, de um lado, os pontos de convergência e divergência com Freud, e de outro, as bases metapsicológicas do aparelho proto-mental nos mecanismos primitivos descritos por Melanie Klein. Mas é somente após a morte da analista que Bion reúne essas descobertas em seu primeiro livro, *Experiences in Groups* (1961, Tavistock). Obra que constitui, no meu entender, uma das mais importantes de Bion. O leitor reconhecerá neste livro não apenas a postura autêntica de Bion, enquanto analista e pessoa, mas também o fulcro de sua inovação. A atenção à realidade psíquica do grupo, a maneira como pressente, numa conversa que desemboca num silêncio, a ocupação com a pessoa do analista, lembram as agudas percepções de Freud e sua intuição sobre a transferência quando o paciente se cala repentinamente. É mais uma comparação: da mesma forma que existem partes do *Projeto* que Freud nunca desenvolveu, as *Experiências em Grupos* (Imago, 1975) con-

têm sementes do pensamento de Bion que ainda aguardam um solo apropriado para seu crescimento.

Ao caracterizar as modalidades pelas quais o trabalho do grupo pode ser perturbado, minado e solapado, Bion postula um nível de funcionamento psíquico rudimentar, indiferenciado e somato-psicótico, cujo palco privilegiado de observação e aprofundamento é o tratamento psicanalítico de pacientes psicóticos e fronteiriços, que empreende durante o período da sua análise. Entre 1950 e 1962, Bion redige e publica uma série de trabalhos, pre-

as... - os alicerces da sua contribuição, ela nos coloca em contato com sua clínica, seu estilo de trabalho; sua penetração na vivência psicótica e, a partir dela, a construção do seu pensamento. Se é verdade que sua empreitada parte do e permanece no contexto kleiniano, sua inovação deve-se, de um lado, à implementação das intuições de Freud em relação à psicose, mas principalmente pela integração da sua herança kleiniana ao órgão de percepção, o Pc-C, como Freud o tinha descrito em *Dois Princípios do Funcionamento Psíquico* (1911).

to: a função e a capacidade de metabolizar os dados sensoriais e transformá-los em pensamentos, em atividade propriamente psíquica, é mediada numa tópica “procriativa” de conteúdo-continente, fornecida pela mãe - a sua capacidade de *rêverie*. Há, portanto, uma contigüidade entre a identificação projetiva primária e o pensamento, no qual o objeto toma um lugar central. Nesta construção, a atenção de Bion se volta para os modos através dos quais o funcionamento psíquico primitivo, obra da pulsão de morte, se apossa do aparelho de percepção - enquanto órgão de apreensão de qualidades internas e externas (Freud, 1911) - até sua maturação em aparelho de pensar. Por exemplo, a fragmentação do eu e o uso excessivo da identificação projetiva acarretam a formação de objetos bizarros; a tolerância à ausência do seio desperta, pela sua introjeção, a apreensão da realidade e o pensar; etc.

A inserção da aquisição da linguagem, do pensamento e do conhecimento no centro da posição depressiva é uma das grandes reformas que Bion introduziu no legado kleiniano e na psicanálise em geral.

dominantemente clínicos, centrados no funcionamento psicótico. Sua descrição dos desvios do pensamento na vivência psicótica permitem-lhe desenvolver a metapsicologia do pensamento e definir os estágios de seu desenvolvimento desde o substrato primitivo. Esses trabalhos, dos quais destacamos “O gêmeo imaginário” (1950), “Notas sobre a teoria da esquizofrenia” (1953), “Diferenciação entre personalidade psicótica e personalidade não-psicótica” (1957), “Ataques à ligação” (1959) e “Uma teoria sobre o pensar” (1962), Bion os reuniu - repensando-os - na coletânea *Second Thoughts* (Tavistock, 1967). Tudo o que é importante em Bion encontra-se aí, pois além desta coletânea constituir - junto com as *Experiências*

A inserção da aquisição da linguagem, do pensamento e depois do conhecimento no centro da posição depressiva faz parte das grandes reformas que Bion introduziu no legado kleiniano e na psicanálise em geral. No edifício bioniano em torno do pensamento, a descoberta kleiniana da identificação projetiva foi levada às últimas consequências - é a opinião de Hanna Segal - mas, do nosso ponto de vista, ele a ultrapassa. Na teoria sobre a gênese do aparelho de pensar, Bion traça uma linha de desenvolvimento desde um aparelho primitivo, que opera através da fuga e de uma identificação projetiva evacuatória, até a verdadeira apreensão da realidade e sua comunicação. Neste desenvolvimento, Bion introduz a implicação do obje-

B) Intervalo: Bion e Freud

Bion vincula, então, a dimensão instintual-emocional kleiniana com o aparelho de percepção, e este último com o pensar e a linguagem. Entretanto, se parece haver aqui um encontro com Freud, é também o momento de uma separação definitiva: desde o *Projeto* (1895) e até o “Bloco mágico” (1925) e “A Negação” (1925), há uma sólida vinculação entre pulsão, percepção e pensamento. O pensamento, cujo protótipo seria, segundo Freud, o de juízo de existência, é calcado no juízo de atribuição, que, por sua vez, tem sua origem no exercício “tentacular-degustativo” do ego-prazer (bom para dentro, mau para fora). Embora isto evoque a dialética kleiniana entre o seio “bom” e o seio “mau”, o encontro do qual se trata na percepção e no pensamento, em Freud, não é entre o amor e

O desejo de instaurar uma ciência “pura” o faz emprestar seus termos da matemática, da lógica e da física.

o ódio da posição depressiva [na fórmula de Bion, L(amor) + H(ódio) + K(conhecimento)], mas o *reencontro* com o objeto: a *comparação* (Freud, 1895) com os traços mnêmicos de experiências de satisfação, outrora proporcionados pelo objeto, e que sedimentaram a estrutura desejante do sujeito. Os estados e as vivências alucinatórias e delirantes, aos quais Bion foi genialmente sensível, ocorrem porque um fracasso nas experiências de origem impedem, do ponto de vista tópico, o investimento desses traços. Porém esses, por “exigirem seus direitos”, acabam invadindo o sistema perceptivo (alucinação) ou a linguagem (delírio) do pensamento (Freud, “O Inconsciente”, 1915).

O que falta, então, ao sistema kleiniano, dentro do qual Bion permanece, é tudo que diz respeito ao recalcado, à representação e ao desejo. Conseqüentemente, Bion introduz uma dicotomia - não presente em Freud - entre o princípio de prazer e o de realidade, sendo o primeiro, segundo ele, um modo de

evacuar o desprazer, expressando ódio à realidade externa e interna. Neste contexto, a pulsão de morte adquire uma intencionalidade agida. Tinge, no embate com o eu, os destroços de tal guerra com feições fantasmáticas, expressões concretas desta pulsão. A pulsão perde portanto o seu sentido freudiano. Apesar de ter esquecido o pai (o que fazer, se a própria “mãe” - Klein - o deixou no meio do caminho?) e ter pensando a ausência enquanto expulsão do seio - obra da pulsão de morte - Bion recuperara, no decorrer da obra, a vinculação freudiana entre realidade e ausência.

C) 1962-1969: Sistematização, a ciência em questão

Três obras, *Learning from Experience* (1962), *Elements of Psychoanalysis* (1963), e *Transformations* (1965), animam um grande projeto: a construção de uma teoria do psiquismo cuja essência é o conhecimento. Bion pretende nos oferecer um enquadramento comparável entre analistas para a avaliação, em bases comuns, dos dados clínicos e de pesquisa. O projeto oscila entre três planos epistemológicos: enquanto teoria do psiquismo em direção ao conhecimento, enquanto proposta específica de produzir conhecimento em psicanálise e enquanto teoria que tenta legitimar a união dos planos anteriores em um só.

Os dois primeiros livros (Imago, 1966) imitam uma apresentação euclidiana; no terceiro (Imago, 1984) esta “geometria elementar” será submetida à “operações algébricas”. Neste continente, Bion introduz um arsenal conceitual inteiramente novo, de modo a dificultar que se estabeleça qualquer nexo com as referências terminológicas usuais. E mais uma dificuldade (além da tradução): as ilustrações clínicas não passam de pontuações esparsas. Depois do choque inicial, não é difícil desvendar

o sonho de Bion e a fonte da sua munição: o desejo de instaurar uma ciência “pura” o faz emprestar a totalidade dos termos da matemática, da lógica e da física, na forma em que tinham sido sistematicamente definidas pela filosofia inglesa e particularmente pelos filósofos da ciência. As dificuldades acima foram em grande parte superadas com a publicação de *Cogitations* (Karnac, 1991), o livro de anotações de Bion, onde expõe os elos entre o arcabouço conceitual e o material clínico, além da explicitação, do diálogo e da sua inspiração por tais referências. Contudo, é preciso que o leitor tenha certa familiaridade com as próprias fontes a partir das quais Bion derivou seu modelo e seu conteúdo, porque este sistema nos torna - mais do que em outros - propensos a aplicar conceitos para “fatos” clínicos. No grupo bioniano encontra-se, infelizmente, este tipo ameno, porém freqüente, de *transformação em alucinação*, que se distancia da tão propalada advocação pela *experiência*. Certa familiaridade com as fontes poderia explicar por que o próprio Bion reconheceu o fracasso de seu projeto, abandonando-o: ele não compreendeu o sentido da atividade científica, foi um mau negócio!

Todo o interesse deste projeto está no seu primeiro plano epistemológico: suas observações e descobertas do período anterior indicaram-lhe que podia reconfigurar todo o campo psíquico em torno do pensamento e do conhecimento. O desafio foi criar uma teoria sobre o trabalho do aparelho de pensar que fosse, ao mesmo tempo, o do psiquismo. Quando pôde penetrar a vivência psicótica, em parte pelas próprias vivências na guerra, ele as compreendeu como conseqüência de uma intensa identificação projetiva e da inveja a ela associada. Porém, a natureza desses efeitos - seu pólo perceptivo e as dificuldades em pensar - o incitou a explicitá-los como habitando o órgão

perceptivo, o Pc-C descrito por Freud. Esta junção, e, também a atenção às hipóteses de Freud sobre a relação coisa-palavra no psicótico, permitiram-lhe encontrar nas suas intuições sobre a fragmentação e a desvitalização do ambiente psicótico - o sujeito encontrando-se rodeado por objeto inanimados, coisas - uma matriz de origem: um substrato sensorial que só adquire um sentido ou um caráter psíquico mediante uma transformação. A angústia esquizo-paranoide no lactente em relação aos elementos sensoriais, elementos beta, o leva a expulsá-los. A mãe dispõe de uma função, a função alfa, que permite transformá-los em elementos digeríveis, disponíveis para a metabolização psíquica: o sentir, o sonhar e o pensar. O bebê “ingere” elementos que abrigam a própria função alfa. O que se transmite constituirá a “barreira de contato”, uma membrana seletiva entre consciente e inconsciente. Neste processo de transmissão, a *rêverie* da mãe, embora implique a continência da mãe, a sua capacidade de pensar, não faz menção ao seu recalcado em termos do enigma sexual que ela pode constituir para uma passividade curiosa na criança. Não há rastro algum da mãe “mensageira da castração” de Freud; a sexualidade fica suspensa neste processo de constituição do pensamento.

Bion cria então um quadro peculiar do aparelho psíquico, constituído por elementos, funções e transformações, além de descrever os estágios genéticos e os graus de diferenciação dessas funções. Antes de descrever o estágio pelo qual passa a formalização máxima deste modelo - a grade - gostaria de indicar onde despontam as grandes inovações deste modelo, do qual tivemos apenas uma pequena amostra.

Na gênese do aparelho psíquico de pensar, introduz a idéia de *construção* do sonho, do pensar, do psíquico. A teoria de que o conhecimento é fruto de uma *conjunção*

de dados sensoriais elementares está implícita na configuração do objeto total, quando da primeira formulação da posição depressiva por Melanie Klein. O modelo de Bion, porém, deriva principalmente de Hume, Bacon e Poincaré. As funções exercem sua transformação no contexto de continência. As funções não agem apenas sob a modalidade vetorial, pois Bion deixa entrever, no terceiro livro (*Transformations*), que o substrato inicial não se limita à pura sensorialidade, mas também às configurações geométricas (ponto, linha, círculo...), do seio ausente, obra da expulsividade primordial. Neste momento, ocorre uma mudança radical: a *coisa-em-si* (Kant), atribuída inicialmente aos elementos beta, volta a constituir o ponto *O*, o incognoscível, um contorno vazio, uma abertura receptiva para as transformações estéticas, religiosas e científicas. Essa reversão “geometrignóstica” em direção à ausência criativa deve-se, de um lado, a uma maior penetração, neste livro, da vivência psicótica, instrumentando-o, de outro, sobre um modo de escuta “vazio” (*sem desejo e sem memória*, do próximo livro) da realidade não-sensorial. De todo modo, seu aparelho construtivo pressupõe não só o embate kleiniano original com a pulsão de morte, tornando o eu uma tela que ejecta os elementos beta, mas reco-

nhece, como Klein, os limites da instauração do psiquismo tanto no provedor (a mãe) como no sujeito: o limiar constitucional de receptividade, ou de tolerância basal à frustração.

Ao longo de toda sua obra, Bion tenta abrigar um Kant tumultuado e perturbado pelo ceticismo de Hume, mas sem nunca tentar superá-lo; a turbulência é sempre um motor de reconstrução. Isto nos leva ao desfecho deste projeto num instrumento, a grade, uma espécie de tabela mendeleyeviana que visa ajudar o analista a registrar e refletir sobre suas sessões; um “brinquedo” útil para afiar a intuição e afinar as observações, mas sobretudo que serve de grade de referência para classificar seus dados e comunicá-los aos colegas. A grade (*grid*) foi introduzida no segundo livro, *Elementos...*, demonstrando seu uso nos comentários (1967) sobre seus trabalhos clínicos anteriores (*Second Thoughts*, Imago, 1988). A grade tem dois eixos: o vertical é genético, dividido em fases de sofisticação de elementos e produtos do aparelho de pensar (desde os elementos beta até a formação do cálculo algébrico) - conceitos que foram emprestados da física, da matemática e da filosofia. O eixo horizontal diz respeito aos “usos” aplicados aos elementos do eixo genético mas representa, também, as ca-

Bion cria um quadro peculiar de aparelho psíquico, constituído por elementos, funções e transformações, e descreve os estágios genéticos e os graus de diferenciação dessas funções.

tegorias do aparelho de pensar. É por isto que contém, com a exceção da primeira e quinta coluna, as categorias do órgão de percepção de Freud (1911). A primeira coluna inclui a *conjunção constante* (Hume) de uma certa hipótese definitiva - é a inovação principal de Bion, de construção-conjunção, sobre a qual falei acima. A segunda, psi - a mais discutível entre bionianos - refere-se à resistência freudiana e a todas as funções de uma grade negativa. A terceira, quarta e sexta (atenção, notação, ação) são emprestadas de Freud. A quinta fora denominada na conferência original, publicada recentemente, de *Édipo* ("1963", in *Taming Wild Thoughts*, Karnac, 1997) e substituída mais tarde pela categoria mais científica de *investigação*. Na conferência, Bion a caracteriza como procura incessante, deixando entrever o vínculo com os vestígios da sexualidade freudiana. Este traço se perdeu nas publicações da grade em livros.

A grade une os três planos epistemológicos do projeto científico em um só. Sua finalidade enquanto uso para a comunidade não teve um bom destino. Bion a abandonou junto com o sonho científico. Este período nos encanta na medida que a imaginação teórica aprofunda a percepção clínica ou quando se livra da vontade de adestrá-la a um sistema. Isto já se vislumbra nas *Transformações*, mas ocorre, de fato, no livro seguinte, *Atenção e Interpretação* (Imago, 1991).

D) 1970-1979: A volta às origens

No início de 1968, Bion se instala em Los Angeles, onde permanecerá até poucos meses antes da sua morte. O clima da Califórnia evoca o de sua terra natal, a Índia. Livre da burocracia institucional, pôde gozar de uma verdadeira volta ao ponto de origem do qual partiu seu pensamento: *Attention and*

Interpretation (Tavistock, 1970) assinala o desvencilhamento do modelo científico e a vinculação da escuta à atenção em 0, o incognoscível; um lugar vazio, receptivo, como no momento de uma pausa musical. Na medida que o analista ocupa este lugar vazio, pode apre-

ta ou falha das funções continentes, se desestrutura. Toda a questão é como o grupo, imerso na defensiva do estado emocional dos pressupostos básicos, pode se abrir para os aportes do líder, o místico. O grupo dos pressupostos básicos assemelha-se ao mentiroso crôni-

Em 1968, Bion desvencilha-se do modelo científico e assinala a vinculação da escuta à atenção em 0, o incognoscível - um lugar receptivo, vazio.

ender a experiência e interpretá-la. Esta primeira parte do livro é muito popular, pela evocação cansativa da fórmula *sem memória e sem desejo*. Porém, tal liberdade do sujeito está associada com algo que Bion tinha percebido já no início da sua trajetória: a possibilidade de emergir de um conluio inconsciente, de cunho narcísico, com a força coercitiva do grupo para cuja formação o sujeito contribui.

Bion aprofunda, neste período, uma união iniciada nas *Transformações*, entre uma positividade nadificante (oriunda de Klein) da vivência psicótica e o ponto 0, a verdadeira ausência, a receptividade, a continência. Esta transformação, a acolhida da *coisa-em-si* (Kant), é o ponto de engendramento do pensamento pelos estados de turbulência e através de mudanças catastróficas ("Catastrophic Change", 1966 in *Attention...* e "Emotional Turbulence", 1976, in *Clinical Seminars...*). O místico é quem pôde permitir tal processo dentro dele, ao contrário do psicótico que, por fal-

co e ao borderline atormentado que se adiantam à chegada do novo, do pensamento, defendendo-se da turbulência necessária à continência, à integração do elemento transformador. O resultado é um pseudo-pensamento, um falso *self* e, no caso do grupo, a rigidificação, o *establishment*.

O grupo, sua força coercitiva no sujeito e o meio que este encontra para se desprender desta força e exercer a capacidade de pensar, voltam a ocupar o centro da obra a partir de 1970. Bion volta ao ponto de origem de seu pensamento, a partir do qual houve uma bifurcação: a apreensão do mundo proto-mental no funcionamento do grupo e seus elos com a deturpação do pensamento no psicótico. Entretanto, se nas *Experiências...* o desafio *cultural* (conflito entre o pensar e o funcionamento proto-mental) era igual para todos os membros do grupo, incluindo seu líder, agora Bion retifica sua posição: o místico, aquele que pensa, constitui um incômodo

mas pode aceder a um lugar de líder na medida em que é contido pelo grupo. Embora haja uma referência velada a um contexto político e à adoção do ideal político de Platão, Bion aproxima-se, na psicanálise, de Freud: o herói, o filho caçula, o favorito da mãe, que toma o lugar do pai da horda e que reaparece no mito do herói contado pelo poeta épico (*Psicologia das Massas e Análise do Eu*, 1921).

Em 1972, Bion viaja para a Argentina a convite de psicanalistas argentinos e é recebido calorosamente. Porém, sua verdadeira acolhida acontece em 1973, quando vem a São Paulo e encontra uma platéia entusiasmada (*Conferências brasileiras I e II*, Imago, 1973-75). Em 1975, volta pela segunda vez, retornando pela terceira e última vez em 1978 (*Conversando com Bion*, Imago, 1992). Ele encontrou aqui seu grupo, para quem pôde se tornar um verdadeiro místico.

Nesses anos, Bion efetua uma segunda volta: retomando os vestígios do recalcado no seu "Gêmeo imaginário" (1950, in *Second...*), ele integra no modelo da continência, o conteúdo das turbulências encapsuladas nos traços de memória das vivências que remontam às fases intra-uterinas ("On a quotation from Freud", 1976 in *Clinical Seminars ...* e "Caesura" in *Two Papers*, Imago, 1977). A trilogia *Uma Memória do Futuro* (1975-1978), sua última obra, é uma síntese de todas as fases da sua produção. Escrita em forma de ficção, a narrativa é uma tentativa de expressar o cenário do mundo psíquico ao mesmo tempo que o integra e o apresenta dentro do contexto comum da vida social e política. Os mundos se misturam. A genialidade e o fascínio da obra reside no fato de que os objetos, as instâncias, as fases, o tempo, etc. do mundo psíquico *falam* - todos falam, todos são sujeitos. Eles se expressam e dialogam entre si, numa mistura de tempos própria do psiquis-mo. É verdade que o cará-

Em sua última obra -
a trilogia *Uma Memória do Futuro* - o autor
expressa um mundo psíquico em que
os objetos, as instâncias, as fases,
o tempo, dialogam entre si.

ter concreto do mundo interno kleiniano desponta aqui com toda sua força. Entretanto, toda a contribuição de Bion - sua penetração no mundo psicótico e na realidade psíquica do grupo - cria um cenário inteiramente novo: o grupo do mundo interno e a conversa entre sujeitos pré-natais e pós-natais dentro do adulto são talvez as grandes contribuições desta obra.

III. A Guerra, tudo é guerra!

"Na guerra, escreve Bion, o objetivo do inimigo é assustá-lo de tal maneira que você não possa pensar claramente, enquanto que seu objetivo é continuar pensando não importa o quanto adversa ou medonha seja a situação" ("Making the best...").

Parece-me que Francesca Bion não poderia ter uma idéia melhor para a comemoração do centenário do nascimento de seu marido do que publicar seus diários de guerra (*War Memories*, 1917-1919, Karnac, 1997). É interessante notar como trechos inteiros desses diários infiltraram-se, com mínimos disfarces, nas

suas últimas obras - a trilogia (*Uma Memória ...*) e a autobiografia - das quais a maior parte versa sobre a guerra, além de estar em guerra. Pois guerra é guerra, e quando se trata de um soldado, sobretudo de um oficial, a questão da sobrevivência do pensamento se coloca em dois terrenos: o do grupo e o do sujeito.

A guerra coloca em xeque as estruturas básicas dos ser, levando-o, em certos momentos, ao mundo desobjetualizado, do *não-contato*, da psicose. Bion passou por isto; porém, sua dúvida constante quanto à capacidade de ter sobrevivido a esta catástrofe o fez criar uma obra às voltas com a guerra e com seu significado.

Quando Bion volta a ler os seus diários de guerra, cinquenta e cinco anos depois, reconhece que foi a guerra que o levou para a psicanálise (*War Memories...* p. 201). Mas a guerra, o abismo frente ao qual se colocava, está vinculada a uma outra catástrofe: a separação da mãe, da casa, da *Ayah*. Uma ausência que seu pensamento pôde simbolizar numa longa e vitoriosa trajetória. ■